África entre Emergências sanitárias, integração regional e desafios geopolíticos

Africa Between Health Emergencies, Regional Integration, and Geopolitical Challenges

África entre Emergencias Sanitarias Integración Regional y Desafíos Geopolíticos

Augusto Paulo Silva, Manuel Mahoche, Tomé Cá, Valery Martinez Jean e Felix Rosenberg

Resumo: O informe analisa acontecimentos recentes relacionados à saúde pública, integração regional e desenvolvimento econômico no continente africano. O principal destaque é o avanço do surto de Ebola causado pela variante Bundibugyo na República Democrática do Congo e em Uganda. Diante da rápida disseminação da doença, o CDC África e a Organização Mundial da Saúde lançaram um Plano Conjunto Continental de Preparação e Resposta para o período de junho a novembro de 2026. O plano busca mobilizar centenas de milhões de dólares para fortalecer ações de vigilância epidemiológica, diagnóstico laboratorial, controle de infecções, cuidados clínicos, logística e participação comunitária. As autoridades alertam que a ausência de vacinas e tratamentos específicos para essa variante aumenta os riscos de expansão regional. O documento destaca ainda a mobilização política e financeira de governos africanos, organismos multilaterais e parceiros internacionais para evitar uma crise sanitária de maiores proporções. O Fundo Pandêmico anunciou apoio financeiro superior a duzentos milhões de dólares para ampliar a capacidade de resposta e reforçar sistemas de saúde em países prioritários da África Central e Oriental. Outro tema relevante é a celebração dos cinquenta e um anos da CEDEAO. A organização reafirma seu compromisso com a integração regional, a livre circulação de pessoas, o fortalecimento democrático, a segurança coletiva e o desenvolvimento econômico. A mensagem institucional enfatiza os desafios atuais relacionados ao terrorismo, mudanças climáticas, pobreza e insegurança alimentar, defendendo maior cooperação entre os Estados membros. O informe também apresenta iniciativas voltadas para a autossuficiência regional na produção de arroz até 2035. Em encontro promovido pela CEDEAO e parceiros financeiros internacionais, governos e investidores discutiram estratégias para ampliar infraestrutura agrícola, irrigação, mecanização e financiamento rural. O objetivo é reduzir a dependência das importações e fortalecer a segurança alimentar da África Ocidental. Por fim, o texto aborda a política migratória dos Estados Unidos para o continente africano, destacando a possível redução de embaixadas e consulados autorizados a emitir vistos, medida associada ao endurecimento das restrições migratórias norte americanas

Palavras-chave: Ebola; Saúde Pública; Integração Regional; CEDEAO; Segurança Alimentar.

Resumen: *El informe analiza acontecimientos recientes relacionados con la salud pública la integración regional y el desarrollo económico en el continente africano. El principal destaque es el avance del brote de Ébola causado por la variante Bundibugyo en la República Democrática del Congo y Uganda. Frente a la rápida propagación de la enfermedad el CDC África y la Organización Mundial de la Salud lanzaron un Plan Conjunto Continental de Preparación y*

Respuesta para el período de junio a noviembre de 2026. El plan busca movilizar cientos de millones de dólares para fortalecer acciones de vigilancia epidemiológica diagnóstico de laboratorio control de infecciones atención clínica logística y participación comunitaria. Las autoridades alertan que la ausencia de vacunas y tratamientos específicos para esta variante incrementa el riesgo de expansión regional. El documento también destaca la movilización política y financiera de gobiernos africanos organismos multilaterales y socios internacionales para evitar una crisis sanitaria de mayor magnitud. El Fondo Pandémico anunció un apoyo financiero superior a doscientos millones de dólares destinado a ampliar la capacidad de respuesta y fortalecer los sistemas de salud en países prioritarios de África Central y Oriental. Otro tema relevante es la celebración del aniversario número cincuenta y uno de la CEDEAO. La organización reafirma su compromiso con la integración regional la libre circulación de personas el fortalecimiento democrático la seguridad colectiva y el desarrollo económico. El mensaje institucional enfatiza los desafíos actuales relacionados con el terrorismo el cambio climático la pobreza y la inseguridad alimentaria defendiendo una cooperación más estrecha entre los Estados miembros. El informe también presenta iniciativas dirigidas a alcanzar la autosuficiencia regional en la producción de arroz hasta 2035. En una reunión promovida por la CEDEAO y socios financieros internacionales gobiernos e inversionistas discutieron estrategias para ampliar la infraestructura agrícola el riego la mecanización y el financiamiento rural. El objetivo es reducir la dependencia de las importaciones y fortalecer la seguridad alimentaria de África Occidental. Finalmente el texto aborda la política migratoria de Estados Unidos hacia África destacando la posible reducción de embajadas y consulados autorizados para emitir visas medida vinculada al endurecimiento de las restricciones migratorias estadounidenses.

Palabras clave: *Ébola; Salud Pública; Integración Regional; CEDEAO; Seguridad Alimentaria.*

Abstract: *The report examines recent developments related to public health regional integration and economic development across the African continent. The focus is the spread of the Ebola outbreak caused by the Bundibugyo strain in the Democratic Republic of the Congo and Uganda. In response to the rapid transmission of the disease Africa CDC and the World Health Organization launched a Joint Continental Preparedness and Response Plan covering the period from June to November 2026. The initiative seeks to mobilize hundreds of millions of dollars to strengthen epidemiological surveillance laboratory testing infection prevention clinical care logistics and community engagement. Authorities warn that the absence of approved vaccines and treatments for this specific strain increases the risk of broader regional transmission. The document also highlights the political and financial mobilization of African governments multilateral organizations and international partners aimed at preventing a larger health crisis. The Pandemic Fund announced financial support exceeding two hundred million dollars to improve response capacity and reinforce healthcare systems in priority countries across Central and Eastern Africa. Another important topic is the celebration of the fifty first anniversary of ECOWAS. The organization reaffirmed its commitment to regional integration free movement of people democratic governance collective security and economic development. The institutional message emphasizes current challenges linked to terrorism, climate change poverty and food insecurity while calling for stronger cooperation among member states. The report further discusses initiatives designed to achieve regional rice self-sufficiency by 2035. During a high-level roundtable organized by ECOWAS and international financial partners governments and investors debated strategies to expand agricultural infrastructure irrigation mechanization and rural financing. The initiative aims to reduce dependency on imports and strengthen food security across West Africa. Finally the document addresses United States migration policy toward Africa highlighting a possible reduction in the number of embassies and consulates authorized to issue*

visas. The measure is associated with stricter American immigration policies intended to limit migration flows and discourage overstays by visa holders.

Keywords: *Ebola; Public Health; Regional Integration; ECOWAS; Food Security.*

Ebola – Atualizações

O CDC África e a OMS lançam Plano Conjunto Continental de Resposta

O CDC África) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançaram no dia 5 de junho um Plano Conjunto Continental de Preparação e Resposta ao atual surto de Ébola causado pelo vírus Bundibugyo. O Plano visa angariar 518 milhões de dólares norte-americanos para apoiar os países africanos, em conjunto com os parceiros, na preparação, deteção rápida e resposta ao surto.

O Plano de seis meses, que abrange o período de junho a novembro de 2026, reúne governos, parceiros e comunidades numa abordagem unificada de "Uma Só Resposta", com o objetivo de reforçar as medidas de resposta ao surto, incluindo coordenação de emergência, vigilância epidemiológica, testes laboratoriais, prevenção e controlo de infeções, cuidados clínicos, envolvimento comunitário, pesquisa, logística e apoio aos serviços de saúde essenciais.

O Plano complementa os planos nacionais de resposta lançados pelos Governos da República Democrática do Congo e do Uganda.

"O vírus de Ébola propaga-se rapidamente. África tem de agir ainda mais depressa. Este plano conjunto dá ao continente um caminho claro para atuar com rapidez e unidade: salvar vidas, apoiar os países afetados e proteger as comunidades vizinhas", afirmou o Diretor-Geral do CDC África, Jean Kaseya. "Com os Estados-Membros, a OMS e os parceiros, o CDC África está a transformar compromisso em ação e recursos em resposta para as comunidades em risco."

O Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou: "A única forma de vencer este surto é através de uma parceria estreita, trabalhando em conjunto sob a liderança dos países afetados, num esforço coordenado guiado por um princípio simples: um plano, um orçamento, uma equipa."

Acrescentou ainda: "Conter o Ébola depende de compromisso político, financiamento sustentado e da confiança e envolvimento das comunidades. Este plano coloca as comunidades no centro, porque sem a sua participação, o rastreio de contatos falha, os cuidados seguros atrasam-se e a transmissão continua."

O Plano centra-se também na proteção das populações vulneráveis, no reforço da colaboração transfronteiriça e no apoio aos países para responderem rapidamente a novos casos. Numa altura em que não existem vacinas ou tratamentos licenciados especificamente aprovados para a espécie Bundibugyo de Ébola, o Plano procura reforçar os sistemas de saúde para garantir resiliência, mesmo enquanto os países respondem a emergências sanitárias agudas.

A implementação das atividades de preparação e resposta já está em curso nos países afetados e nos países em risco. Além disso, em 10 países prioritários, estão a ser reforçadas medidas críticas para melhorar a preparação para emergências de saúde pública e assegurar a deteção precoce e uma resposta rápida.

O Plano sublinha a necessidade de manter o apoio a outras emergências sanitárias em curso, incluindo Mpox, cólera e sarampo, de modo a evitar interrupções nos esforços de resposta essenciais e salvaguardar os progressos rumo a sistemas de saúde mais fortes e resilientes.

Este esforço coordenado surge numa altura em que as operações de resposta se intensificam na República Democrática do Congo, onde as autoridades, com o apoio do CDC África, da OMS e de parceiros, estão a reforçar os esforços para travar a propagação do vírus e pôr fim ao surto.

O CDC África e a OMS apelam aos Estados-Membros para reforçarem o rastreio e as medidas de saúde pública nos pontos de entrada, bem como a coordenação transfronteiriça e a solidariedade, de forma a apoiar uma resposta atempada, eficaz e baseada em evidências ao surto.

Através do Plano Conjunto de Preparação e Resposta, o continente está a mobilizar os seus conhecimentos especializados e recursos coletivos para reforçar as medidas de resposta, atuando de forma unida para controlar o surto e proteger as comunidades em toda a região. A sua implementação bem-sucedida exigirá um forte compromisso político, investimento sustentado e estreita colaboração entre governos, profissionais de saúde, comunidades e parceiros.

Com base nas lições retiradas de anteriores surtos de Ébola e de recentes emergências de saúde pública, o Plano oferece também uma via para reforçar de forma abrangente a capacidade de África para prevenir, detectar e responder a futuras ameaças sanitárias, protegendo simultaneamente vidas e meios de subsistência.

Sumário Executivo do Plano

Um surto da Doença pelo Vírus Bundibugyo (DVB), causada pelo vírus Bundibugyo (BVD) — uma espécie do gênero Orthoebolavirus —, foi notificado na Província de Ituri, no leste da República Democrática do Congo (RDC). Investigações epidemiológicas indicam que o surto provavelmente se originou na Zona de Saúde de Mongbwalu, uma área de intensa atividade mineira, e posteriormente se expandiu por Ituri, Kivu do Norte e Kivu do Sul, com transmissão transfronteiriça confirmada para Uganda.

O contexto epidemiológico é altamente preocupante porque as áreas afetadas são caracterizadas por uma intensa mobilidade populacional, mineração artesanal informal, assentamentos superlotados, infraestrutura de saúde precária, insegurança ligada à atividade de grupos armados e extensas interações transfronteiriças com Uganda e Sudão do Sul. Além disso, Bunia funciona como um importante centro comercial e de transporte regional que interliga o leste da RDC aos países vizinhos, aumentando significativamente o risco de disseminação regional.

Até 27 de maio de 2026, um total de 129 casos confirmados, 1.077 casos suspeitos e 246 mortes suspeitas decorrentes do surto foram notificados na República Democrática do Congo (RDC) e em Uganda. Esses casos foram registrados em 15 zonas de saúde: RDC (14 zonas de saúde) e Uganda. O surto expandiu-se muito além do epicentro inicial em Ituri: até 27 de maio de 2026, 15 zonas de saúde em Ituri (Bambu, Bunia, Mongbwalu, Nizi, Lita, Nyankunde, Rwampara, Aru e outras), Kivu do Norte (Butembo, Katwa, Goma) e Kivu do Sul (Miti-Murhesa)

foram afetadas. Quatro profissionais de saúde da linha de frente morreram e pelo menos outras oito infecções entre trabalhadores da saúde foram notificadas. Uganda registrou 7 casos confirmados em laboratório em Kampala, com uma morte confirmada, associados ao movimento transfronteiriço de pessoas vindas de Bunia. Uganda ativou sua Força-Tarefa Nacional em 16 de maio de 2026 e está incluída como um país de resposta de Prioridade 1A, juntamente com a RDC.

As evidências sugerem várias semanas de circulação viral não detectada entre as semanas epidemiológicas 15 e 19 (do início de abril a meados de maio). No entanto, é provável que a real escala do surto esteja substancialmente subestimada devido ao atraso na detecção, subnotificação, insegurança, vigilância comunitária frágil, capacidade diagnóstica limitada e acesso restrito às comunidades afetadas. (...)

O vídeo da conferência de imprensa conjunta aqui.

Líderes Africanos mobilizam financiamento e resposta regional

Os atrasos na mobilização de recursos e no reforço da resposta ao atual surto de Ébola Bundibugyo poderão conduzir a uma transmissão regional mais alargada e a uma maior perda de vidas humanas, alertaram na terça-feira líderes africanos e parceiros globais da área da saúde.

O aviso surge numa altura em que há indícios de que o surto, que afeta a República Democrática do Congo (RDC) e o Uganda, poderá tornar-se o segundo maior surto de Ébola, depois da epidemia de África Ocidental de 2014, que atingiu vários países.

Durante uma reunião ministerial virtual de alto nível convocada pelo CDC África e pela União Africana, os líderes apoiaram um plano continental de preparação e resposta que necessita de, pelo menos, 319 milhões de dólares norte-americanos entre junho e novembro de 2026, para reforçar o controlo do surto nos países afetados e a preparação em pelo menos 11 Estados-Membros considerados de alto risco.

Foi também revelado que quase 500 milhões de dólares norte-americanos já tinham sido comprometidos ou prometidos por governos, agências multilaterais e parceiros humanitários. O Diretor-Geral do CDC África, Dr. Jean Kaseya, saudou calorosamente esta forte demonstração de apoio, descrevendo-a como uma importante manifestação de solidariedade global e de compromisso para enfrentar este desafio crítico.

Segundo afirmou, o próximo passo no âmbito da Equipa Conjunta de Apoio à Gestão de Incidentes (IMST, *Incident Management Support Team*) será trabalhar com os parceiros para validar os compromissos assumidos, clarificar o equilíbrio entre novo financiamento, recursos redirecionados, contribuições em espécie e dotações ao nível dos países, e garantir que os recursos são direcionados para as ações prioritárias identificadas no plano conjunto de resposta.

O Presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, afirmou que os países africanos já prometeram parte do financiamento necessário, demonstrando que o continente está a assumir a liderança da resposta. “Os próprios países africanos já comprometeram contribuições internas iniciais que representam aproximadamente 10% do financiamento necessário. África já não espera passivamente que outros atuem”, declarou o Presidente Ramaphosa, que é também Campeão da União Africana para a Prevenção, Preparação e Resposta a Pandemias.

Anunciou ainda que a África do Sul duplicou o seu compromisso anterior para 5 milhões de dólares norte-americanos destinados à resposta continental ao Ébola coordenada pelo CDC África. A Fundação Gates comprometeu igualmente 5 milhões de dólares para o CDC África e 10 milhões de dólares para a Organização Mundial da Saúde.

O Presidente da Comissão da União Africana, Mahmoud Ali Youssouf, afirmou que o surto evidencia a necessidade de investimentos mais robustos em sistemas de vigilância, centros de operações de emergência, genômica, agentes comunitários de saúde e capacidade local de produção. “Os problemas africanos exigem liderança africana e responsabilidade africana”, declarou.

O Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, advertiu que as autoridades de saúde estão “a tentar recuperar o atraso face a uma epidemia que evolui muito rapidamente”, após a detecção tardia no leste da RDC. A OMS já disponibilizou 3,9 milhões de dólares do seu Fundo de Contingência para Emergências para apoiar as operações no terreno. “Estamos perante um surto extremamente grave e difícil. Vai piorar antes de melhorar. Mas conhecemos este vírus e sabemos como o travar”, afirmou o Dr. Tedros.

A insegurança, os deslocamentos populacionais e a resistência das comunidades estão a dificultar a vigilância, o rastreio de contatos e o acesso às comunidades vulneráveis, incluindo devido a ataques reportados contra uma unidade de tratamento de Ébola no leste da RDC. A ausência de vacinas e tratamentos aprovados para a estirpe Bundibugyo, juntamente com a limitada capacidade laboratorial para confirmar rapidamente casos suspeitos, está a complicar ainda mais os esforços de contenção.

A Diretora-Executiva da Gavi, Sania Nishtar, afirmou que estão em curso esforços para acelerar a pesquisa de vacinas e a preparação relativamente à estirpe Bundibugyo, sublinhando simultaneamente a importância de um acesso equitativo a vacinas e tratamentos assim que estes estejam disponíveis.

O Ministro da Saúde da RDC, Roger Kamba, apelou a uma coordenação regional mais forte e a um apoio sustentado aos profissionais da linha da frente, alertando que o surto está a desenvolver-se num contexto de segurança extremamente difícil, incluindo no leste da RDC, onde a insegurança e os ataques às infraestruturas de saúde continuam a complicar as operações de resposta.

A Somália, a Nigéria, o Egipto e o Burundi destacaram igualmente a importância da preparação, do reforço dos sistemas laboratoriais, da coordenação transfronteiriça, da vigilância e da partilha de informação, perante a elevada mobilidade regional e o risco de propagação mais ampla.

220 milhões de dólares do Fundo Pandémico para resposta ao surto do vírus Bundibugyo

Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças da África (CDC África) acolheram com satisfação um pacote de financiamento de emergência de US$ 220,6 milhões do Fundo Pandêmico para apoiar os esforços de contenção do surto de Ebola Bundibugyo e proteger países em risco em toda a África Central e Oriental.

O financiamento facilitará a implementação do Plano Continental Estratégico de Preparação e Resposta conjunto do CDC África e da Organização Mundial da Saúde (OMS),

lançado para coordenar os esforços de contenção do surto na República Democrática do Congo (RDC) e em Uganda, e para evitar uma maior disseminação regional.

A decisão do Fundo Pandêmico segue-se às declarações do CDC África e da OMS em maio deste ano de que o surto constituía uma grande emergência de saúde pública, exigindo uma ação urgente e coordenada. O surto, causado pela cepa do vírus Bundibugyo, já levou à transmissão transfronteiriça, ressaltando a necessidade de uma resposta regional robusta.

> Este financiamento é um grande impulso para os esforços contínuos dos países afetados e parceiros para controlar o surto, ao mesmo tempo em que fortalece a preparação em toda a região", disse o Diretor-Geral do CDC África, Dr. Jean Kaseya. "Isso demonstra o profundo reconhecimento do Fundo Pandêmico sobre a importância de agir cedo, agir coletivamente e investir nas capacidades nacionais e regionais para proteger as comunidades contra ameaças à saúde atuais e futuras.

O financiamento do Fundo Pandêmico complementa o Plano Continental Estratégico de Preparação e Resposta do CDC África–OMS de US$ 465 milhões, que já está sendo implementado nos países afetados e em risco. O plano de seis meses concentra-se na coordenação de emergência, vigilância, testes laboratoriais, prevenção e controle de infecções, cuidados clínicos, engajamento comunitário, logística, pesquisa e apoio a serviços essenciais de saúde.

De acordo com o Fundo Pandêmico, até US$ 175,7 milhões serão mobilizados por meio da reprogramação de projetos existentes para apoiar esforços de resposta imediata em países afetados e de alto risco, incluindo RDC, Sudão do Sul, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Zâmbia, Angola, Quênia e Etiópia. Outros US$ 44,9 milhões serão disponibilizados por meio de processos de financiamento acelerados para apoiar os esforços de preparação e resposta em Uganda, na República Centro-Africana e na República do Congo.

O financiamento apoiará ações prioritárias identificadas no Plano de Resposta do CDC África–OMS, incluindo o fortalecimento da vigilância de doenças, sistemas laboratoriais, capacidade da força de trabalho de saúde e coordenação transfronteiriça. Os países e as instituições regionais determinarão as prioridades de implementação com base nas necessidades e lacunas identificadas.

O CDC África afirmou que o financiamento reflete a crescente confiança global em uma resposta coordenada e liderada pelos próprios países, ancorada no princípio de um Plano, um Orçamento e uma Equipe. A instituição insta os Estados-Membros, parceiros e doadores a manterem o ímpeto em prol do esforço continental de resposta e preparação, continuando a apoiar medidas baseadas em evidências que facilitem viagens e comércio seguros, fortaleçam os sistemas de saúde nas fronteiras e aprimorem a cooperação regional.

CEDEAO – 51 anos

Mensagem do Presidente da Comissão[1]

[1] Omar Alieu Touray

Ao comemorarmos o 51.º aniversário da nossa Comunidade, dirijo-me a vós com um profundo sentimento de orgulho, responsabilidade e renovada determinação. Há já 51 anos que a CEDEAO se afirma como um símbolo de unidade, cooperação e aspiração partilhada por uma África Ocidental pacífica, próspera e integrada.

*O tema deste ano, "**Construir hoje a CEDEAO do futuro**", é simultaneamente um forte apelo à ação e uma declaração de intenção. Recorda-nos que o futuro que imaginamos para a nossa região não surgirá por acaso. Deve ser construído de forma consciente e coletiva através das decisões positivas que tomamos e dos compromissos que assumimos hoje.*

*Ao longo destes 51 anos, a nossa Comunidade alcançou progressos notáveis: facilitámos a **livre circulação** através das fronteiras, permitindo que os nossos povos viajem, comerciem e se relacionem sem barreiras. Promovemos o comércio intrarregional, implementámos uma **Tarifa Externa Comum** e desenvolvemos infraestruturas regionais essenciais, ligando as nossas capitais e mercados. Lançámos as bases para uma **moeda única**, criámos um mercado regional de eletricidade e alargámos a conectividade digital além-fronteiras. Mantivemo-nos unidos perante **epidemias**, **insegurança** e **catástrofes** naturais, prestando apoio humanitário e reforçando os **sistemas de saúde** e de **alimentação**. Investimos no nosso recurso mais valioso — o nosso povo — promovendo a igualdade de género, o empoderamento dos jovens e o desenvolvimento do capital humano. Defendemos a **democracia**, enviámos missões de observação eleitoral e mobilizámos a nossa Força de Reserva em **defesa da paz**, da **democracia** e da **estabilidade** regionais.*

*Estas conquistas, embora significativas, não representam capítulos **concluídos** da nossa história. São apenas os alicerces de um futuro que devemos continuar a construir em conjunto. Os **desafios** que hoje enfrentamos — o **terrorismo**, as **alterações climáticas**, as **mudanças inconstitucionais** de governo, a **pobreza** e as **desigualdades** económicas — são enormes. Mas igualmente forte é a nossa vontade coletiva de os ultrapassar.*

*Como tenho afirmado frequentemente, a CEDEAO é melhor e mais forte quando permanece unida enquanto Comunidade. A nossa força reside na nossa **união**, na nossa **identidade** partilhada e no espírito de **solidariedade** que define a nossa União.*

*Aos nossos Estados-Membros, saúdo a vossa resiliência e contínua dedicação aos **ideais** da **integração regional**. Perante desafios políticos, económicos e de segurança em constante evolução, a vossa liderança continua a ser fundamental. A tarefa que temos agora diante de nós é aprofundar a solidariedade, reforçar a governação democrática e acelerar a implementação de políticas regionais que tragam benefícios concretos aos nossos cidadãos.*

Ao povo da CEDEAO, sois o verdadeiro coração desta Comunidade. A nossa visão de integração visa, acima de tudo, melhorar a vossa vida quotidiana, criar oportunidades para os jovens, capacitar as mulheres, facilitar o comércio e garantir a paz e a segurança além-fronteiras. Ao olharmos para o futuro, devemos colocar-vos no centro de todas as nossas ações, assegurando que a CEDEAO continua a ser uma Comunidade orientada para os cidadãos, que escuta, responde e concretiza as promessas e aspirações dos nossos pais fundadores.

Ao pessoal da CEDEAO, das suas instituições e agências, expresso o meu sincero agradecimento pelo vosso compromisso inabalável e profissionalismo. O vosso trabalho continua a dar vida ao nosso mandato e credibilidade à nossa missão. Construir a CEDEAO do futuro exigirá ainda maior inovação, eficiência e colaboração entre as nossas instituições.

*Ao iniciarmos este novo capítulo, devemos enfrentar a realidade com clareza e coragem. As **ameaças** da **insegurança**, da **desinformação**, da **vulnerabilidade económica** e das **alterações climáticas** exigem respostas ousadas, coordenadas e orientadas para o futuro. Ao mesmo tempo, a nossa população jovem, os nossos abundantes recursos e o crescimento do mercado regional representam oportunidades com um enorme potencial de transformação.*

> *Construir hoje a CEDEAO do futuro significa investir na paz e na segurança, reforçar a integração económica regional, avançar na transformação digital e promover uma cultura de responsabilização e boa governação. Significa reforçar a confiança entre as instituições e os cidadãos e assegurar que a nossa Comunidade é relevante, responsiva e resiliente.*
>
> *Renovemos, pois, o nosso compromisso coletivo com os ideais fundadores da CEDEAO. Atuemos com unidade de propósito e clareza de visão. E trabalhemos juntos — governos, cidadãos e instituições — para construir uma Comunidade que as gerações futuras terão orgulho em herdar.*

CEDEAO

Mesa – Redonda mobiliza investimentos para autossuficiência em arroz até 2035

Coorganizado pela Comissão Regional da CEDEAO, pelo governo ganês e pelo Grupo do Banco Mundial (WBG), esta Mesa-Redonda inédita de alto nível pretende passar a uma fase superior após a atualização das ambições para o arroz da África Ocidental. Em dezembro de 2024, os Chefes de Estado da CEDEAO aprovaram, em Abuja, na Nigéria, o Roteiro Regional para o Arroz para o período 2025–2035, que visa alcançar 34 milhões de toneladas de arroz branqueado produzido, um nível que permitiria à região atingir a autossuficiência.

Além disso, 13 Estados-Membros deram um passo importante ao elaborarem e validarem um Plano de Ação Nacional de Investimento no Arroz (PANIR[2]), que identifica carteiras de investimentos financiáveis, bem como bacias de produção prioritárias. Ao mesmo tempo, estes esforços regionais foram apoiados pela iniciativa "*AgriConnect*", lançada pelo Banco Mundial em outubro de 2025.

Com o objetivo de transformar a agroindústria e melhorar os meios de subsistência de 250 milhões de pequenos agricultores em todo o mundo até 2030, este programa identificou o arroz como uma cadeia de valor estratégica na África Ocidental, capaz de estimular a criação de emprego, reforçar a segurança alimentar e atrair investimentos privados.

Tendo sido definido um quadro global desta natureza, a Mesa Redonda reuniu, ao longo de dois dias, instituições financeiras internacionais, bancos comerciais e investidores privados, com o objetivo de os incentivar a mobilizarem financiamento. E por uma boa razão: poderá ser necessário um montante máximo de 24 bilhões de dólares norte-americanos para implementar o roteiro regional ao longo dos próximos 10 anos. Este valor inclui 19 bilhões de dólares em despesas de investimento, com forte incidência em áreas de impacto como o armazenamento, a transformação e a mecanização, bem como 5 bilhões destinados a despesas operacionais para melhorar o acesso ao financiamento e aos sistemas de fatores de produção.

Embora este envelope financeiro seja de grande dimensão, o tempo urge para a sub-região, cuja procura de arroz cresce 4 % ao ano, enquanto a produção aumenta apenas 3 %, segundo dados da CEDEAO.

Com uma taxa de autossuficiência de cerca de 60 %, o setor regional deve não só preparar-se para responder à procura atual, mas também à futura, a fim de limitar as importações, que já atingem anualmente os 3,5 bilhões de dólares.

"A África Ocidental deve considerar o arroz como um ativo económico estratégico. Trata-se de empregos para a nossa juventude, de rendimentos para os agricultores e do reforço

[2] Plan d'Action National d'Investissement Rizicole

da resiliência das nossas economias face aos futuros choques globais. Libertar o potencial orizícola da África Ocidental exigirá capitais transformadores, pacientes e competitivos, orientados para as infraestruturas e capazes de reforçar o conjunto dos sistemas agrícolas», explicou Jane Naana Opoku-Agyemang, Vice-Presidente do Gana, no seu discurso de abertura da cerimónia.

"A África Ocidental não precisa de novas declarações de intenção: é necessário criar carteiras de projetos financiáveis, capazes de atrair capitais de longo prazo em grande escala. Em suma, já não é tempo de discursos sobre o potencial orizícola da região." Foi com estas palavras que o Vice-Ministro das Finanças do Gana, Thomas Nyarko Ampem, deu o tom no lançamento desta Mesa-Redonda.

"A cadeia de valor do arroz oferece importantes oportunidades nos domínios da irrigação, da mecanização, da transformação, da logística, da agricultura digital e do empreendedorismo agrícola. Tirar partido deste potencial é essencial para transformar o crescimento demográfico de África num dividendo económico", afirmou Richard Ofori-Mante, Diretor de Financiamento Agrícola e Desenvolvimento Rural do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), no decorrer das trocas de ideias.

Para atrair financiamento, os organizadores destacaram oportunidades de investimento prontas a implementar os 13 Planos de Ação Nacionais, insistindo em intervenções de elevado rendimento, escaláveis e comercialmente viáveis. Segundo os organizadores, a implementação de 3 500 sistemas comunitários de irrigação solar poderia aumentar os rendimentos entre 2 e 3 toneladas por hectare e gerar um retorno do investimento entre 20 % e 30 %, beneficiando 50 000 agricultores, por um custo de 43 milhões de dólares.

Ao mesmo tempo, a formação de 7 000 empresários do setor das sementes em 300 000 hectares poderia gerar mais 0,6 milhões de toneladas de arroz em casca, por um custo estimado de 14 milhões de dólares.

No final deste encontro de dois dias, esperam-se vários avanços importantes da Mesa-Redonda:

- o primeiro é a mobilização de compromissos financeiros imediatos, sob a forma de promessas de investimento, linhas de crédito, garantias ou parcerias público-privadas;
- o segundo é a adoção de um Pacto Regional de Investimento no Arroz, que deverá formalizar os compromissos, as responsabilidades e as próximas etapas. Este pacto proporcionará uma base comum aos países da região para acompanhar os progressos e coordenar as intervenções.
- O terceiro diz respeito ao reforço da coordenação institucional. A CEDEAO pretende revitalizar o Observatório do Arroz, que deverá desempenhar um papel central no acompanhamento dos compromissos, na avaliação dos resultados e na capitalização das boas práticas.

"A África Ocidental não precisa de novas declarações de intenção: é necessário criar carteiras de projetos financiáveis, capazes de atrair capitais de longo prazo em grande escala. Em suma, já não é tempo de discursos sobre o potencial orizícola da região." Foi com estas palavras que o Vice-Ministro das Finanças do Gana, Thomas Nyarko Ampem, deu o tom no lançamento desta Mesa-Redonda.

“A cadeia de valor do arroz oferece importantes oportunidades nos domínios da irrigação, da mecanização, da transformação, da logística, da agricultura digital e do empreendedorismo agrícola. Tirar partido deste potencial é essencial para transformar o crescimento demográfico de África num dividendo económico”, afirmou Richard Ofori-Mante, Diretor de Financiamento Agrícola e Desenvolvimento Rural do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), no decorrer das trocas de ideias.

Para o Togo, esta agenda regional vem dar resposta a uma estratégia em curso há vários anos. A Estratégia Nacional de Desenvolvimento da Rizicultura visa, nomeadamente, reforçar a produção local para reduzir as importações, historicamente onerosas para o país. As autoridades consideram o arroz um setor prioritário para a segurança alimentar e para a melhoria da balança comercial.

Vários programas públicos já apoiaram o setor através da criação de zonas agrícolas em terrenos baixos, da distribuição de fatores de produção, da aquisição de equipamentos de transformação e do apoio às cooperativas. Estas intervenções foram impulsionadas, em particular, pelos projetos PASA[3], PADAT[4], PPAAO[5] e, mais recentemente, pelo Programa de Resiliência do Sistema Alimentar na África Ocidental (FSRP[6]).

Segundo o Ministério da Agricultura do Togo, o FSRP, apoiado pelo Banco Mundial, permitiu em 2025 distribuir mais de 342 toneladas de sementes certificadas e mais de 2500 toneladas de fertilizantes a mais de 34 000 produtores de arroz. Os primeiros resultados apontam para um aumento dos rendimentos e dos rendimentos agrícolas.

Perante uma procura crescente de arroz e a necessidade de reforçar a soberania alimentar dos Estados-Membros, a CEDEAO pretende fazer desta plataforma um quadro estratégico de diálogo entre investidores e decisores. O objetivo é promover investimentos estruturantes na produção, transformação, armazenamento, comercialização e infraestruturas conexas, de modo a aumentar a competitividade do setor orizícola regional.

Esta iniciativa insere-se na visão da CEDEAO de reduzir a dependência da África Ocidental das importações de arroz, criando simultaneamente mais oportunidades económicas para os produtores, as empresas agroalimentares e os jovens empreendedores agrícolas.

Segundo os organizadores, esta mesa-redonda permitirá igualmente apresentar as oportunidades de investimento existentes nos diferentes países da região, identificar os principais constrangimentos ao desenvolvimento do setor e promover parcerias inovadoras entre os setores público e privado.

Através desta Mesa-Redonda, a CEDEAO reafirma a sua vontade de fazer do setor do arroz um motor essencial de crescimento económico, de segurança alimentar e de desenvolvimento rural para toda a África Ocidental.

[3] Projet d’Appui au Secteur Agricole (Togo)
[4] Projet d’Appui au Développement Agricole au Togo
[5] Programme de Productivité Agricole en Afrique de l’Ouest
[6] Food System Resilience Program

ÁFRICA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Redução de representações diplomáticas emissoras de vistos

Enquanto atualmente cerca de 50 Embaixadas e Consulados norte-americanos estão teoricamente habilitados a emitir os vistos no continente, a administração Trump pondera reduzir esse número para apenas cerca de 20, segundo uma nota interna revelada pela agência AP.

O objetivo declarado é claro: reduzir a imigração para os Estados Unidos, dificultando ainda mais o acesso dos requerentes de vistos aos serviços consulares norte-americanos.

A ofensiva anti-imigração da administração Trump prossegue, desta vez com uma nova medida que afeta diretamente África. Numa nota interna revelada pela agência AP, Marco Rubio, Secretário de Estado norte-americano, informa que o governo vai reduzir a emissão de vistos no continente africano.

Em termos práticos: até ao final do mês de junho, deixará de ser possível realizar o procedimento senão em cerca de 20 Embaixadas e Consulados, entre os quais os de Abidjan, Dakar, Djibuti, Kigali, Kinshasa, Lomé, Nairobi, Port-Louis e Yaoundé.

Objetivo declarado: dificultar o acesso dos requerentes aos serviços consulares norte-americanos. Para os cidadãos de certos países, como Madagáscar, Benim ou Gabão, esta nova diretiva traduzir-se-á, assim, na obrigação de atravessar uma fronteira ou apanhar um voo internacional para obter o precioso visto, quando atualmente cerca de 50 representações diplomáticas norte-americanas presentes em África estão, em teoria, autorizadas a emitir o documento.

Em Washington, a administração Trump não o esconde: com esta medida, o objetivo é, mais uma vez, reduzir a imigração para os Estados Unidos, não só dificultando cada vez mais o acesso dos requerentes aos serviços consulares norte-americanos, mas também desencorajando os viajantes que possam ser tentados a permanecer em território norte-americano após a expiração do visto.